

136 - DO NÃO-TRANSGÊNICO VOLTADO PARA O MERCADO EXTERNO AO ORGÂNICO VOLTADO PARA O MERCADO REGIONAL: A TRAJETÓRIA NÃO LINEAR DO PROGRAMA DE PRODUÇÃO ORGÂNICA DA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA ALTO URUGUAI (COTRIMAIO)

Ivar J. Kreutz e Wilson Schmidt¹

RESUMO

Este trabalho procura indicar a necessidade de superar interpretações lineares e visões deterministas na análise de programas de conversão à agricultura orgânica. A partir do programa da Cotrimaio, que tem início pela produção de soja não transgênica voltada para um nicho de mercado externo e evolui para uma diversificação voltada para mercados regionais, aponta-se a complexidade desses processos. Trabalhando-se o contexto e recuperando-se a gênese e a evolução do referido programa, aponta-se para a importância da percepção do processo de conversão à agricultura orgânica como uma construção social.

PLAVRAS-CHAVE: Agricultura familiar, agricultura orgânica, Soja, programas de conversão, cooperativa.

INTRODUÇÃO

Para a safra 2002-3, apenas quatro anos após o início de um programa interno de produção orgânica, praticamente se confirmou a expectativa de que os associados da Cooperativa Agropecuária Alto Uruguai Ltda (Cotrimaio) colheriam em torno de 20 mil sacas de soja orgânica, voltadas principalmente para o mercado europeu. Esse programa, no seu início, foi bastante contestado por técnicos e movimentos sociais. Além da esperada oposição dos setores ligados ao fornecimento de insumos e à difusão da agricultura industrial, duas vertentes de críticas surgiram por parte de movimentos ligados à agricultura familiar, muitos deles se afirmando como adeptos da agroecologia. Para uns, o programa da Cotrimaio foi montado apenas em torno da cultura da soja e beneficiaria somente os seus plantadores. Além de fortalecer a cultura tida, por eles, como símbolo da "Revolução Verde" na região, o programa mantinha a finalidade de exportar todo o produto dela resultante, o que significaria continuar com a "transferência de nutrientes" para fora do país. Para outros – em geral sindicalistas, que estavam mais centrados nos debates sobre as políticas públicas para a agricultura e menosprezavam iniciativas produtivas que buscavam alternativas técnicas – o programa não se preocuparia com as questões políticas e sociais dos cooperados.

O objetivo deste trabalho é relativizar o peso destas críticas, procurando mostrar que, marcadas por uma visão linear e, na maioria das vezes, determinista, elas não dão conta da complexidade de um processo que coloca em questão importantes referências técnico-sociais e que, ao longo do seu desenvolvimento, incorpora novas perspectivas, inflexionando posições e ações de atores sociais.

O CONTEXTO E A GÊNESE DO PROGRAMA

Inicialmente, é importante descrever, ainda que muito brevemente, o contexto da Cotrimaio e recuperar a gênese e a evolução do programa de produção orgânica. A Cotrimaio, que existe há trinta e cinco anos, está situada na região Noroeste do Rio Grande do Sul. Nos 12 municípios onde atua, a estrutura fundiária é marcada pela predominância de pequenos agricultores familiares, a maioria descendentes dos imigrantes europeus que ocuparam as áreas do Vale do Rio Uruguai, na fronteira com a Argentina. Estas áreas se situam em um relevo acidentado – e, por isso, muito suscetíveis à erosão – onde havia, originariamente, uma vegetação mais densa e solos com boa fertilidade natural. Segundo dados da própria Cotrimaio, aproximadamente 96% dos seus 6500 sócios possuem menos que 50 hectares de terra. Uma parcela importante desses sócios – os que possuem menos de 20 hectares (79,6% do número total de estabelecimentos nos municípios em que a Cotrimaio atua) – utilizava baixos níveis de adubação química e praticamente já não aplicava agrotóxicos, obtendo baixos rendimentos das culturas. Mesmo o grupo de associados formado por aqueles que possuem entre 20 e 50 hectares (17,7% do número total de estabelecimentos nos municípios em que a Cotrimaio atua) – que se situam em regiões onde o relevo é menos irregular e que formam a parcela mais ativa na definição dos rumos da cooperativa – encontrava dificuldades em conseguir, dentro do modelo convencional, a consolidação ou ascensão desejadas. A Cooperativa buscava, assim, estratégias que permitissem uma melhor remuneração dos seus associados.

¹ Respectivamente Mestrando e Professor do Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas da UFSC. Caixa Postal 476 CEP 88010-970 Florianópolis – SC E.mails: ijkreutz@terra.com.br e wschmit@mbox1.ufsc.br. O primeiro autor é técnico da EMATER-RS.

DO PRODUTIVISMO À PRODUÇÃO LIMPA

Em 1998, ao fazer 30 anos, a Cotrimaio patrocinou um "Fórum Regional Integrado", que teve como palestrantes técnicos brasileiros e franceses. Naquela ocasião, os debates acabaram centrados nas oportunidades de fornecimento direto de soja "não transgênica" para organizações congêneres francesas. E é nessa perspectiva que são iniciadas as ações, com a realização, por dirigentes e técnicos da Cotrimaio, de viagens à França, cursos sobre rastreabilidade, iniciativas para a certificação e, depois, o próprio recebimento de soja não transgênica em escala comercial (a Cotrimaio foi a primeira cooperativa a fazê-lo). Destaque-se, nesse processo, a sintonia das iniciativas da Cotrimaio com as diretrizes do Governo do Estado de Rio Grande do Sul para a agricultura, que, àquele momento, pregava estratégias de qualidade e de diferenciação de produtos e procurava manter o estado como "território livre de transgênicos". Ao longo dos últimos anos, os agricultores associados receberam uma remuneração em média 4% superior para a produção da soja não transgênica "convencional". Em 2003, de toda produção de soja da cooperativa, 75% pode ser enquadrada como não transgênica (convencional mais orgânico), enquanto os restantes 25% foram julgadas fora deste padrão (provavelmente transgênicos ou por ele contaminados).

Sempre dentro do mercado dos chamados produtos limpos, gradativa mas rapidamente, a Cotrimaio vai mudando de perspectiva. Primeiro, já a partir da safra 1999/2000, uma parcela crescente de agricultores passa para a produção de soja orgânica e, logo em seguida, de forma mais ampla, para a produção orgânica de outras culturas e criações. Em 2001 a Cooperativa montou um programa específico de produção orgânica, porque esse segmento era visto como um "nicho de mercado vantajoso" e que melhor se adaptava "à realidade dos pequenos agricultores".

O Quadro 1 indica as oscilações ocorridas no número de agricultores e na área destinada à produção orgânica.

Quadro 01 – Evolução (1999 – 2003) do número de agricultores e da área por eles destinada à produção orgânica na Cotrimaio

Safr	1º ano de conversão		2º ano de conversão		Produção Orgânica	
	Nº agric.	área	Nº agric.	área	Nº agric.	área
1999/00	106	-				
2000/01	59	325	72	367		
2001/02	37	223	34	144,7	64	332,5
2002/03	54	230	26	195,2	68	432

Fonte: Cotrimaio

Pode-se perceber que uma parcela dos agricultores que iniciam o processo de conversão não chega à fase final. Os profissionais e dirigente envolvidos com a produção orgânica, em entrevista direta, apontaram como causa desse fenômeno: a carência de mão-de-obra em boa parte das unidades familiares (com a migração dos jovens); a dificuldade de retorno para práticas vistas como de maior penosidade do trabalho (por exemplo: capina versus uso de herbicida); e a adesão ao programa de agricultores que "esperavam ganhar dinheiro, sem ter clareza de todo o processo".

A experiência na Cooperativa tem revelado, por outro lado, exemplos de agricultores familiares que começaram com a produção orgânica de soja, às vezes em apenas uma pequena parcela dentro da propriedade, e que hoje têm toda a unidade produtiva "em conversão". Da mesma forma, pode se considerar que houve a passagem de uma espécie de "captura econômica" (pelo argumento do sobre preço) de novos adeptos à "conversão" na produção orgânica de soja, até em função das dificuldades produtivas e de realização econômica, à discussão mais ampla do modelo tecnológico de produção agropecuária regional.

Nesse processo, é importante considerar o componente assistência técnica. As principais dificuldades enfrentadas eram função do descompasso de ritmos. De um lado, aquele gerado pela pressão das quantidades de soja desejadas pelos importadores. De outro, aquele determinado pela necessidade de uniformização de informações, de integração inter-institucional (dos serviços técnicos da cooperativa com os da extensão rural pública) e do próprio "convencimento" de técnicos e agricultores sobre a pertinência e viabilidade da produção orgânica. Se no início predominou uma perspectiva dirigista, ela foi sendo abrandada à medida que aumentava a clareza e o conhecimento sobre a produção "limpa" por parte de técnicos e agricultores.

CONCLUSÕES

Pode-se extrair algumas lições deste processo. As principais estão relacionadas ao surgimento de novas e importantes fontes de influência sobre os agricultores e suas organizações (do exterior ou do espaço urbano) que se dão em sentido contrário ao que era a idéia única veiculada pelo fechado círculo de atores presentes na agricultura "moderna" (ou industrial); e ao espaço poder – e, conseqüentemente, de conflito e manobra – que representam as direções de cooperativas que, como a Cotrimaio, têm abrangência e importante inserção regional. Ao mesmo tempo, é importante a percepção

do processo de conversão à agricultura orgânica como uma construção social. A cooperativa iniciou um processo e seus críticos se anteciparam a indicá-lo como distante do que julgavam ser um "projeto ideal". Com a trajetória que resultou das iniciativas de produção não transgênica de soja para o mercado exterior, impulsionou-se, no entanto, a produção orgânica dessa leguminosa e, logo em seguida, a diversificação da própria produção orgânica, com produtos agora voltados para o mercado regional.